

## **Perspectivas para Resolução do Conflito no Congo: a MONUSCO e a negociação em nível tático**

Bruna Pimentel, Érica Carvalho e Valentina Soares

Como aviso inicial, é oportuno dizer que este presente extrato acadêmico compõe material de investigação submetido à REBRAPAZ (Rede Brasileira de Estudos para a Paz) e segue ainda em construção. As considerações aqui desenvolvidas compõem conjunto maior de produção intelectual em curso e cujo destino de chegada dar-se-á com a elaboração minuciosa de estratégia de negociação levada a cabo pelo negociador no momento da negociação com sua contraparte – neste caso, ambientado na MONUSCO.

Assim, a missão de paz a ser analisada é a MONUSCO, presente na República Democrática do Congo. A MONUSCO é atualmente a maior e a mais cara missão de paz realizada pela ONU. Conta com um contingente de 18.953 pessoas envolvidas, sendo 2.970 civis, 13.780 contingentes de militares, aproximadamente 234 especialistas na missão, 1.357 forças policiais, 348 voluntários da ONU e 264 *staff officers*.

A violência constante vivenciada na República Democrática do Congo teve como herança a grande e massiva crise de refugiados resultantes do genocídio de Ruanda em 1994. A população de Ruanda é composta por alguns grupos étnicos, como os hútus que compõem 85% da população; bem como os tutsis que somavam 14% da população e a minoria twa que compõe 1% da população. É importante recordar que depois que os grupos hútus que iniciaram o genocídio fugiram para o leste da RDC e começaram a formar grupos armados, formaram grupos opositores aos tutsis e a outros grupos rebeldes. O governo congolês foi incapaz de controlar e derrotar os vários grupos armados, muitos dos quais ameaçaram diretamente as populações dos países vizinhos.

Um dos grupos rebeldes com mais força que surgiu durante o período que se seguiu foi conhecido como o Movimento 23 de Março (M23), inicialmente formado principalmente por tutsis étnicos com suposto apoio provindo do governo de Ruanda. Em 2010, a fim de combater o financiamento de grupos armados que constantemente violam os direitos humanos, o Congresso norte-americano aprovou a Lei DoddFrank.

Esta lei exige que as empresas divulguem informações sobre o uso que faziam dos minerais de conflito, no caso desses serem utilizados como matérias-primas essenciais para a fabricação ou funcionamento de um bem. A paralisação das atividades após a lei Dodd-Frank acabou por gerar uma situação inesperada, pois os trabalhadores que perderam seu sustento e recebiam o suficiente para ajudarem suas famílias, acabaram por se alistarem em milícias e em grupos armados e assim continuaram a explorar apesar da lei.

O próprio governo congolês não consegue impedir e, tampouco, mantém controle sobre a extração desenfreada dos minerais que saem do seu país e não consegue fazer nada para impedir a saída do ouro, mineral que é menos difícil que extrair do que os demais. O ouro da República Democrática do Congo é contrabandeado através das fronteiras e serve para abastecer os “Souks” (mercados) nos Emirados Árabes Unidos, Líbano, Índia e outros países do Golfo Pérsico.

A situação no Congo demanda de orientação tática para fins de seu melhor tratamento que leve ao longo de um tempo à resolução do problema. A metodologia do presente estudo considera a elaboração do BATNA como etapa fundamental no tratamento tático e, ao seu tempo, definitivo dos diversos conflitos no Congo.

A metodologia do BATNA (*Best Alternative to a Negotiated Agreement*), desenvolvida pela escola de negócios de Harvard, constitui-se da elaboração de planejamento estratégico que orienta diretamente a atuação tática em resolução de conflitos. Aqui, o que se pretende é dotar o negociador local de ferramentas e técnicas que o favoreçam na resolução de conflitos, retirando, enfim do plano estratégico as informações fundamentais que municiem o negociador internacional frente a frente com sua contraparte.

O BATNA é elaborado considerando as seguintes variáveis de análise, conforme figura a seguir:



Deste modelo, seguirá a elaboração do BATNA aplicada ao caso congolês e que deve considerar como respectivas variáveis, portanto, para a resolução do conflito, especialmente, na região de Goma, em relação à exploração dos minérios e à presença de grupos armados. Esta será nossa próxima etapa de desafio.

A preocupação como BATNA dado o conflito no Congo e, em especial, a difícil situação na região de Goma, o desafio desta proposta é concluir o desenvolvimento que identifica de modo mais certo possível a devida e possível satisfação das demandas em relação à exploração dos recursos minerais. A percepção mais clara de que a legalização, a retomada do controle por parte do governo sobre a atividade de exploração, o combate à corrupção e as ações de DDRs são fundamentais neste sentido.

Cabe ao negociador atuante no terreno certificar-se destas variáveis de compromisso de cada parte, em especial, do governo congolês, a fim de que seu BATNA possa alavancar condição crível e exequível de negociação.

*Bruna Pimentel, Érica Carvalho e Valentina Soares são pesquisadoras do Núcleo de Pesquisa Maria Rebello Mendes-NUPREM, e são estudantes de Relações Internacionais do Centro Universitário IBMR. Este texto foi elaborado sob a supervisão do Prof. Me. Leonardo Carvalho Braga, em novembro de 2018. Recebido para publicação em fevereiro de 2019.*

---

Pimentel, B.; Carvalho, E. e Soares, V. “Perspectivas para Resolução do Conflito no Congo: a MONUSCO e a negociação em nível tático”. UNESP/REBRAPAZ. Publicado em 13/02/2019. Disponível em: <https://rebrapaz.com/o-que-pensamos/>.